

## REBELDES. ESCRITORAS, ABOLICIONISTAS

*Norma Telles\**

**RESUMO:** A autora resgata a memória de duas escritoras abolicionistas do século passado, analisando sua militância e suas críticas à sociedade escravista. Aborda de início o livro *Ursula* de Maria Firmina dos Reis (1859), que teria tido não somente um precursor dos escritos abolicionistas de Castro Alves, como também o primeiro romance escrito por uma mulher DO Brasil. Da mesma autora, também analisa o livro *A escrava* de 1877. Outra pioneira foi Narcisa Amalia, abolicionista militante, que publicou *A família Medeiros*, na qual descreve com minúcias assustadoras e provocantes uma revolta de «cravos numa fazenda de café.

**UNITERMOS:** literatura feminina, mulheres escritoras, abolicionistas.

As navegações e conquistas ibéricas do século XVI foram obra de machos, navegantes, conquistadores, soldados, povoadores. De padres, bandeirantes e senhores de engenho. Homens agressivos empregavam a força desligada de toda noção anterior de ordem, exercendo um poder arbitrário.

É certo que algumas mulheres, por conta própria, tentaram, "fazer as índias". Viajaram clandestinas mas, fora algumas honrosas exceções, foram perseguidas, caçadas e publicamente castigadas. Afinal, não deviam nem podiam viajar sem licença do pai, da autoridade, do rei, assim como não deviam ter grandes ou pequenas ambições<sup>1</sup>.

\* Departamento de Psicologia, PUC/São Paulo.

1 BOXER. CR. *A mulher na expansão ultramarina Ibérica*. Lisboa: ed. 70, 1981.

A conquista, obra de machos, foi, no dizer de Octavio Paz, uma violação não só no sentido histórico e territorial, como também, literalmente, na carne das índias<sup>2</sup>. A figura exótica deu o toque erótico às paragens desconhecidas. No imaginário dos colonos as florestas verdejantes e a terra fértil, o ouro e os diamantes, misturavam-se com a possibilidade da melhor vida sexual e de sua existência com mulheres a priori consideradas diferentes: promíscuas, provocantes, oferecidas, como eram pintadas as índias nas representações da época.

A violação, no entanto, era parte integrante do universo do guerreiro português desde as guerras contra os mouros. Usada como instrumento político de subjugação, continuou sendo empregada como reafirmação do poder viril do branco senhor. É paradoxal, mas o sexo que poderia ser meio de contato entre os grupos, tomou-se um obstáculo para o reconhecimento do outro corno humano igual.

As representações estereotipadas colocaram sempre a sensualidade, a polimorfia, a falta de freios, ameaçadora dos bons costumes, nos grupos submetidos. Na colônia portuguesa do Brasil, o comportamento promíscuo foi incorporado pelos brancos primeiro à índia e, mais tarde, à negra, à mulata sensual. O homem branco permitia-se a violação porque reforçava sua boa intenção com o ideal da esposa branca: fiel, tarefeira, assexuada, ignorante e trancada em casa.

Violência física e restrição material e mental estiveram presentes então na vivência cotidiana da colônia. A violência maior, no entanto, era a limitação de possibilidades de ação e pensamento. O homem e a mulher brancos, o escravo e a escrava eram sujeitos iguais com consciências iguais, porque estavam em situação e local diferenciados na sociedade. A partilha de valores e idéias, também era desigual, pois não recebiam o mesmo quinhão de informações a respeito do patrimônio cultural<sup>3</sup>,

De maneira geral, o sistema e suas exigências marcaram fundo a existência e as relações dos grupos, embora excepcionalmente em casos individuais algum traço de solidariedade pudesse unir indivíduos singulares, É claro que quando se coloca a questão de diferentes códigos e padrões numa sociedade se coloca também a questão da transgressão. Transgressão que não será bem tolerada pelo corpo social.

2 PAZ, Octavio. *Ei labirinto de la soledad*. 6° ed., Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1978.

3 Sobre esta questão ver MATHIEU, Nicole-Claude. *Quand céder n'est pas sentir*. In—, *l'arraisonnement des femmes*. Paris: EHESS, 1985.

A conquista pois produziu uma cultura profundamente dividida, onde a violência do choque entre vencedores e vencidos presidiu tanto aos acasalamentos, quanto às representações coletivas. Uma cultura de caráter acentuadamente masculina, racista, e eminentemente verbal. Uma cultura dos púlpitos e dos serões familiares. A literatura, que aos poucos foi ganhando traços locais foi escrita e lida, em geral, por homens, ao menos até o século XIX, quando a urbanização formou camadas médias e a mulher tornou-se parte integrante do público. Na literatura do oitocentos as sinhás do período colonial eram retratadas como lânguidas, complascentes, dependentes e caprichosas. Na realidade, a mulher no novo mundo desempenhou muitos papéis e atividades diferenciadas, não prescritas, até mesmo transgressoras<sup>4</sup>. Entre elas a de escritora.

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes. O ato de escrever implica numa revisão do processo de socialização, assim como das representações conscientes e um enfrentamento do inconsciente, também ele, invadido pela situação objetiva de dependência do homem e que condicionaram a formação do eu<sup>5</sup>,

Como, de um modo ou de outros, perceberam, pressentiram e se ressentiram da sua situação de dependência, as mulheres que no século XIX tomaram da pena e escreveram, muitas vezes se identificaram com as vítimas da opressão. Ellen Moers descreve como as mais bravas dentre as escritoras de língua inglesa, ou francesa, se colocaram na defesa dos oprimidos, em especial dos escravos.<sup>6</sup> E o mesmo ocorreu no Brasil.

Nossa literatura abolicionista é escassa. Considera-se que os debates que a partir do século XVIII inflamaram a Europa contra a escravidão, tiveram fracos ecos entre nós. Até a década de 70 do século passado, São poucos os escritos abolicionistas mencionados nas antologias. Nunca nelas se inclui os artigos, panfletos ou livros de autoria de escritoras. A mulher, no entanto, desempenhou um papel ativo nas lutas contra a escravidão assim como escreveu a respeito dela, fazendo propaganda abolicionista. A inclusão desses textos certamente enriqueceria nossa tradição.

4 Cf. SILVA DIAS, Maria Odila Leite da. *Quotidiano e Poder*. SP. Brasiliense, 1984.

5 Sobre esta questão discorri com maior amplitude em *ENCANTAÇÕES, escritoras e tradição literária no Brasil, século XIX*. Tese de doutoramento, Puc-SP, 1987, mimeo.

6 MOERS, Ellen. *Literary Women*. NY: Doubleday, 1976.

Um autor não lido, afirma Octavio Paz, é vítima de um tipo particular de censura, o da indiferença, que é censura efetiva e eficaz. Isso porque uma cultura se define tanto por sua atitude e seus projetos futuros, quanto por suas recordações e paisagens do passado<sup>7</sup>. As escritoras, em especial, foram entre nós vítimas desse tipo de censura, por isso minha intenção é violar o silêncio que pesa, neste último século, sobre as escritoras abolicionistas brasileiras, examinando, brevemente, os escritos de três dentre elas.

*Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859<sup>8</sup>, é tido como o primeiro romance brasileiro escrito por uma mulher. É considerado um romance ingênuo, cheio de arroubos sentimentais. Sem dúvida, numa primeira impressão, mas uma leitura mais atenta pode nos revelar outras coisas. "São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma" ...assim se inicia o livro que se passa numa província do Brasil, em qualquer uma, pois a paisagem calma não caracteriza nenhum local em especial. O enredo tem os elementos românticos, o amor de dois jovens, a dor e a separação, cenas no cemitério e morte. Mas poderia bem ser um conto gótico.

Úrsula, a donzela, não está presa em um castelo mas junto à cama da mãe parálitica, numa fazenda que pertence ao vilão, seu tio, Fernando, senhor de terras, dos escravos e das mulheres. As aventuras da jovem não se desenrolam em corredores escuros, labirintos com alçapões e sim na floresta, em meio a árvores frondosas e estreitas sendas, fugindo do vilão. E é ali que ela pensa, toma decisões, procura, sem muito sucesso, descobrir o que é a vida.

O enredo conta as aventuras de um bacharel da Academia de São Paulo que fugindo das maldades do pai, "tirano de sua mulher", acaba levando um tombo do cavalo e se ferindo gravemente perto da casa de Ursula. É salvo por Tulio, um escravo, que cuida dela e lhe conta toda a história dos dissabores da donzela. Luiza B., a mãe de Ursula, crescera e um dia, para desespero do irmão, resolvera se casar. Este, inconformado, perseguira o casal até conseguir arruinar o cunhado e mata-lo. Comprara as dívidas do casal, tornando a irmã e a sobrinha sua propriedade. De tanto desgosto Luiza B. ficara parálitica e como único consolo tinha a filha. Esta, por sua vez, cuida do bacharel, Teodoro, em meio aos delírios da febre, os dois se apaixonam.

7 PAZ, Octavio, *Soror Juana Ines de la Cruz, las trampas de la fe*. Mexico; Fondo de Cultura Economica, 1985.

8 REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*, RJ, ed. fac-similar, 1975.

Mas o vilão, o tio, também se apaixonara por Ursula. Teodoro compra a liberdade de Tulio e este tudo faz para livrar o casal das garras de Fernando. Em vão. O vilão mata Teodoro e Tulio e se apodera de Ursula, Ela enlouquece e em sua loucura sempre o acusa. Morre o vilão, corroído de remorsos, num mosteiro onde se recolhera. E o livro termina, \*de todas as vítimas do amor, apenas restam vestígios sobre a terra da desditosa Ursula". Apenas seu nome ficou gravado numa lápide rasa.

O que mais distingue os livros não é o exagero romântico, ou as peripecias do enredo mas sim o tratamento que a autora dá ao escravo. Ela não fala do escravo em geral, ou da escravidão como conceito abstrato, mas individualiza O escravo em duas personagens centrais. A de Túlio, que "sofria porque era escravo", mas cuja "mente ninguém pode escravizar." Embora fosse tomado pelo "acanhamento que a escravidão gerava", ele permanece sempre apaixonado pela liberdade e capaz de sentimentos próprios, dignos, desinteressados e de amizade, pois "as almas generosas são sempre irmãs". E é um ator importante na trama: salva Teodoro, une os dois jovens, toma atitudes e descobre soluções.

A outra personagem, a negra Susana, é dedicado todo um capítulo onde é narrada a sua vida antes da escravidão, na África o que, em termos de Brasil e de período, é extremamente original. A paisagem africana não difere muito da brasileira, nos traçados da autora, o que não admira, visto o desconhecimento de então sobre aquele continente. Mas, o que é importante, é a tentativa de dar cores próprias à terra natal dos escravos, assim como descrever cotumes diferentes e que são apresentados como ideais, idílicos até. Na África, Susana fora feliz junto aos seus, não esquece essa felicidade assim como o dia em que, surpresa, se viu capturada, enquanto despreocupada fazia um passeio pela mata.

Ela recorda seu enorme sofrimento, quando percebe que será separada dos seus e da viagem através dos mares, infecta e infernal. "Para caber a mercadoria humana no porão, fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros." Mesmo nessas condições eles se revoltam e então", da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar morte aos cabeças do motim." A preta Susana resiste e para que? Para desembarcar e enxergar outro quadro dantesco, "a dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade, foram sufocadas

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas.

nessa viagem pelo horror ao aspecto de meus irmãos." Seus sofrimentos porém, ainda não haviam Findado: escrava do vilão, acabará morrendo em suas mãos, torturada e acorrentada num calabouço úmido <sup>9</sup>.

No livro de Maria Firmina dos Reis, os escravos falam um português castiço e empregam sem erro o tratamento vós. Isto foi criticado como inverossímil. Porém, não estaria ela oferecendo através do universo lingüístico idêntico, a oportunidade deles serem iguais? Entre os arremedos de fala escrava, ou cabocla, que aparecem em tantos textos, este emprego da língua aproxima os personagens, E mais, ela mostra os escravos, através de Tulio e Susana, como detentores de um código de valores e sentimentos próprios, diferentes, mas nem por isso menos ético, do que o dos brancos. Em várias passagens, Ursula se identifica com Tulio e, em dado momento, chega mesmo a Inveja-Ío, pois, por ser homem e já livre, ele pode viajar com o bacharel enquanto ela, por ser moça, fica em casa,

No livro os homens são tiranos e as mulheres são impotentes para alterar a situação, só fazem chorar. A mãe de Teodoro é tiranizada pelo pai, Luiza B. e Ursula pelo vilão, A preta Susana, por sua vez, só é tiranizada pelo senhor. O elo afetivo forte é entre mãe e filha, mas desagua na impotência das lágrimas inúteis. Ou na amizade que une o liberto e o bacharel, amizade esta inviável ao nível das representações do período. Um outro elo forte é entre Susana, Tulio e a liberdade. Por tudo isto só resta à autora matar todos os seus personagens, pois a sociedade na qual poderiam viver felizes para sempre não existe. Restou uma lembrança gravada na pedra, Ursula, um nome por fazer, uma vida por viver, uma vida sem história própria.

Maria Firmina, que foi escritora, jornalista, musicista e professora primária de uma classe mista e gratuita em Guimarães, Maranhão, escreveu ainda um outro conto sobre o tema da escravidão. *A Escrava*, de 1887, é narrado por uma personagem integrante de uma das sociedades abolicionistas. Mostra a rede que se formara para rapidamente acolher e comprar a liberdade de escravos fugidos. Aqui sua personagem tem história, vida própria, age com astúcia para enganar feitores e senhores. No entanto, não tem nome, permanece incógnita,

Maria Firmina morreu bem velha; foi descrita como tendo pele escura, cabelos grisalhos presos em um coque. Era muito querida e apreciada em sua cidade. É mais lembrada como mestra das primeiras letras do que como es-

9 REIS, Maria Firmina dos. *Ursula*, op. cit., cap. IX.

critora<sup>10</sup>. No entanto, deveríamos sempre lembrar sua defesa do escravo, a coragem de seus argumentos e a dignidade que concedeu a seus personagens. Ela enfatizou os castigos injustos, a péssima condição da vida dos escravos, visando comover o leitor. Estratégia empregada por escritoras de outras nacionalidade, que não sei se chegou a conhecer. Em termos de Brasil, suas preocupações e o modo que as colocou são precoces e incomuns.

Em artigo recente, Flora Sussekind lembra que até o final da década de 40, do século passado, a literatura abolicionista era praticamente inexistente. A presença do negro na literatura era muito discreta e quando aparecia ele era pintado como "cão fiel". Dez anos após a publicação do livro de Maria Firmina dos Reis, Joaquim Manuel de Macedo publica *Vítimas e Algozes*, livro emancipacionista. Persiste nele a animalização do negro, embora a adjetivação tenha mudado. No período, crescera a presença negra no imaginário político, e por conseguinte, também no literário, das camadas dominantes. A crise do açúcar encetara a decadência do produto a partir de 60 e as idéias liberais ganhavam terreno. O "cão fiel" se torna então uma "serpente". Retratado como incapaz de sentimentos, ou como vivendo um arremedo de amor e fidelidade, o negro é alguém de quem se deve desconfiar, pois é considerado dissimulador, ameaçador e capaz de constantes traições.

No livro de Macedo, os senhores são gentis, ingênuos e não desconfiam das maldades da "serpente". Macedo acentua o perigo negro e a ingenuidade branca. Para que os negros não se tornassem lobos ameaçadores pregava, estratégia comum na época, a coesão branca<sup>11</sup>. O estudo de Sussekind acentua, comparativamente, a singularidade de Maria Firmina dos Reis dentro do que se pensava e escrevia no período e a atenção que deu à questão tomou-a merecedora de nossa recordação e não do castigo/censura do esquecimento em que tem estado relegada,

Nos anos 70, o panorama já se alterara e a campanha abolicionista ganhara terreno. Castro Alves incendiava os corações com seus versos inspirados, que fantasiavam a liberdade e dignidade de um povo. A década de 70 foi marcada pelo medo da guerra civil, das insurreições, dos atentados. Este medo não era pura fantasia, mas baseava-se na observação dos fatos, nas insurreições cada vez mais frequentes, nas fugas organizadas de escravos. Em 1875, Bernardo Guimarães publica *A Escrava Isaura*, romance famoso e de

10 Sobre o conto *A Escrava* c episódios da vida da autora ver MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, São Luís, 1975.

11 SUSSEKIND, Flora. A Abolição. In *Folhetim*. Folha de S. Paulo, maio de 1988.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas.

sucesso, onde retrata a escrava como branca, erótica e sensual. Foi nesse período também que Narcisa Amalia de Campos escreveu.

Narcisa Amalia (1863-1924), como assinava o que escrevia, foi professora, escritora e jornalista. Tomou-se conhecida, por volta de 1870, através de publicações em jornais da Côrte e das províncias. Seu livro de poemas, *Nebulosas* (1872), teve boa repercussão. Morou em Rezende, depois no Rio de Janeiro, e foi uma batalhadora incansável pelos direitos da mulher, uma democrata radical e, por isso mesmo, abolicionista. Para ela, o ideal do século, a Musa Inspiradora, era a Liberdade que, sonhava, talvez - num futuro não muito distante -, permitiria aos povos, aos homens e às mulheres, viverem livres de violência, opressão e injustiças.

Em versos, traçou o "quadro hediondo" da escravidão, narrou os sofrimentos "dos míseros cativos". "Meu Deus! ao precito/Sem crenças na vida,/Sem pátria querida,/Só resta tombar!" O escravo, outrora um bravo em sua terra, permanecia curvado ante um falso poder e era preciso partir os grilhões, quebrar as algemas. Era preciso que "esta raça, que genuflexa rebrama" se erguesse "de pé unvida, das crenças livres..." pois então o anjo da liberdade, tendo descido, "de infelizes escravos/Fez talvez dez homens bravos,/Talvez dez outros heróis!".<sup>12</sup>

A pátria não poderia ser independente, nem se constituir como nação plena, enquanto persistisse a nefasta instituição, enquanto todos os direitos não fossem restituídos. Narcisa Amalia contemplava com desgosto e tristeza o "espetáculo desolador dos costumes pátrios" e não era uma otimista em relação à situação. Acreditava que era preciso lutar e conclamou à rebeldia e à revolução. Essas idéias lhe valeram severas críticas de contemporâneos. Uma moça escrever versos de amor, ainda vá, mas meter-se em política! Isso não!

Narcisa Amalia acreditava no poder da escrita, acreditava que a imaginação literária poderia construir uma ponte de simpatia e compreensão por sobre o abismo de intolerância entre os grupos. A imprensa, especialmente, era vista por ela como instrumento privilegiado, pois criara novas esferas de atividade para a "educação coletiva" e a "modificação das emoções". A imprensa já servira a outras revoluções, diz ela, tanto as cruentas quanto as pacíficas e poderia, portanto, ser um meio de luta pela harmonia social. A propaganda oral, pensava, embora fosse muito importante, não tinha o mesmo peso e a mesma penetração que a imprensa. Esta, através de uma ação lenta,

12 AMALIA, Narcisa. O Escravo. In *Nebulosas*. RJ: Gamier, 1872; cf. REIS, Antonio Simões dos. *Narcisa Amalia*. RJ: Org. Simões, 1949.



contínua, constante, podia fazer dos espíritos mais retrógados "prosélitos apaixonados" A comprovação dessa hipótese ela encontra em José do Patrocínio, a quem admirava e por quem era admirada, e na penetração influente que exerceu através de seu jornal, durante a década que precedeu à Abolição.

O interessante é que Narcisca Amalia, que demonstrou um radicalismo conscio e vigoroso contra todas as formas de tirania, não se deixou iludir pela modificação institucional. Em 1889, publica "Condolência", onde se mostra descrente das reformas empreendidas e da Abolição, porque não antevê a possibilidade do povo se instruir "nos mistérios da igualdade" através do acesso a uma educação democrática. Como pode, pergunta, "águia cativa/Subtrair-se à inércia que estiola/Soerguer-te do nada-rediviva?... "se da ciência não lhe vem amparo e se "abrem-te a detenção, fecham-te a escola!"<sup>13</sup>

No final da década de 80, a escravidão, devido a várias causas que não cabe elencar aqui, se desintegrava. Os fazendeiros já se admitiam incapazes de impedir as constantes fugas e surgiram, em São Paulo, os caifazes, que ajudaram e organizaram fugas em massa. Entre eles destacou-se Antonio Bento, que Julia Lopes de Almeida (1862-1934) homenageou num livro, que escreveu, em 88, mas que só foi publicado depois da Abolição.

*A Família Medeiros*<sup>14</sup> é um livro abolicionista cuja trama romanesca se desenvolve em torno de um enigma, que envolve um assassinato e a identidade do instigador de uma revolta de escravos. O livro se passa no estado de São Paulo e fornece um quadro detalhado da vida nas fazendas de então.

Otávio Medeiros volta para a fazenda, depois de ter se formado na Alemanha e se espanta com a falta de mudanças, que encontra. O velho Medeiros é um escravocrata, um patriarca que domina a família, menos a sobrinha, a quem tem horror, "um diabo levado de seiscentos", Eva é moça instruída, tem idéias próprias e por isso é acusada pelo tio de ser a incitadora de todas as fugas de escravos. Eva é uma heroína assertiva, rebelde; tivera educação invulgar, falava várias línguas; entendia tudo sobre plantações e plantios, sobre como administrar uma fazenda de modo moderno. Com parte da herança que recebera todos os anos, comprava a alforria de alguns escravos, pois era também abolicionista.

13 AMALIA, Narcisca. Condolência. In *A Mensageira*. SP.: Imprensa Oficial, 1987. 2 vols.

14 ALMEIDA, Julia Lopes de. *A família Medeiros*. RJ: Fluminense, 1892.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas.

O livro focaliza o momento de transição entre o trabalho escravo e o livre nas plantações de café e se desenrola em meio à opulência e prosperidade dos plantadores e à miséria das condições de vida do escravo e dos primeiros colonos. É uma propaganda abolicionista, onde se pinta os horrores dos castigos e do tratamento dos escravos como carne humana. A personagem tema e afetiva é representada pela figura da mãe preta, uma paralítica, que ajuda Otavio, o filho adotivo. Mas Otavio é um personagem apagado; é ferido durante uma revolta de escravos e passa a maior parte do romance na cama. Eva é o móvil da ação.

Dois episódios se destacam como cenas fortes: o linchamento de um juiz e a fuga dos escravos pela serra de Cubatão. O juiz, que morava em Sertãozinho, seguia a orientação jurídica abolicionista proposta por Luiz Gama e concedia liberdade aos cativos, baseando-se em provas legais. Os fazendeiros, descontentes com esse procedimento, se organizam, contratam capitães-do-mato e assassinos profissionais, que emboscam o juiz, arrancando-o do quarto durante a noite e o matam a pancadas. A seguir, mutilam seu corpo e destroem sua casa. Esse episódio pode ou não ter sido inspirado em fatos reais, mas o segundo, a fuga dos escravos, é uma reconstrução ficcional detalhada de um episódio real, que foi muito comentado nos jornais, pois um grande número de escravos escapou das fazendas e fugiu pela serra de Cubatão.

A questão central no livro de Julia Lopes é a oposição entre Eva/velho Medeiros, a fazendeira moderna e o fazendeiro escravocrata ultrapassado, mas que não quer se deixar convencer. Eva é favorável a pequena propriedade trabalhada por colonos bem tratados e administrada por métodos modernos, em contraposição a grande propriedade monocultora e trabalhada por escravos. Ao colocar num dos polos a personagem Eva, a autora está enfatizando o papel da mulher na perpetuação ou não da instituição (há outros comentários no livro a respeito disto). A justiça no contexto pessoal exige « justiça no contexto social. Para Eva o horror à escravidão advem não só de sua desumanidade, como também do nexos de dinheiro, dos lucros nas operações de mercado.

Julia Lopes de Almeida tem Eva como ideal; instruída, segura, morando numa casa sóbria, por isso bela, administrando racionalmente a propriedade e tratando os colonos com consideração. Em vários outros livros, a autora retomará esses dois tópicos e a idéia da mulher capaz de plantar racionalmente para sua sobrevivência e proveito, a pequena propriedade fornecendo uma oportunidade de atividade autônoma e independente.

Em nosso percurso relembramos três autoras, mulheres rebeldes vivendo numa cultura profundamente dividida, masculina, racista, que escreveram, em três momentos diferentes, sobre a escravidão, defendendo a abolição. Outras poderiam ter sido lembradas, mas, ao encerrar, gostaríamos simplesmente de assinalar que as autoras citadas, a despeito de suas diferentes concepções de mundo, não empregaram as metáforas da escravidão para enfatizar somente a vitimização, mas as utilizaram também para assinalar o perigo da repressão, da revolta e da vingança, contidos numa vida sem dignidade ou sem história própria. Por isso, nas três encontramos, em diferentes versões, o mesmo amor pela liberdade, a mesma tentativa de alcançá-la.

ABSTRACT: The author studies in the Brazilian patriarchal and slave society of the 19th century, three women writers that defied their cultural milieu by taking up in their books the problem of the abolition of slavery. The article aims at redeeming their books from the forgetfulness to which they were condemned. The author begins by studying the book *Ursula* by Maria Firmina dos Reis (1859), the first abolitionist novel written in Brazil. Next is focused the book *The slave girl* (1877) by the same author. Another pioneer woman writer was Narcisa Amalia an abolitionist militant in the Brazilian press. She published *A Família Medeiros*, in which she describes with provocative minutiae a slave revolt in a coffee plantation.

UNITERMS: women writers, female abolitionists, literature.